

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais
da **Saúde 4**

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais da Saúde

4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B299 Bases conceituais da saúde 4 [recurso eletrônico] / Organizadora
Elisa Miranda Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.
– (Bases Conceituais da Saúde; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7247-135-0
DOI 10.22533/at.ed.350191502

1. Cuidados primários de saúde. 2. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. 3. Sistema Único de Saúde. I. Costa, Elisa Miranda. II. Série.

CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No cumprimento de suas atribuições de coordenação do Sistema Único de Saúde e de estabelecimento de políticas para garantir a integralidade na atenção à saúde, o Ministério da Saúde apresenta a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS (Sistema Único de Saúde), cuja implementação envolve justificativas de natureza política, técnica, econômica, social e cultural.

Ao atuar nos campos da prevenção de agravos e da promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em modelo de humanizada e centrada na integralidade do indivíduo, a PNPIC contribui para o fortalecimento dos princípios fundamentais do SUS. Nesse sentido, o desenvolvimento desta Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares deve ser entendido como mais um passo no processo de implantação do SUS.

A inserção das práticas integrativas e complementares, especialmente na Atenção Primária (APS), corrobora com um dos seus principais atributos, a Competência Cultural. Esse atributo consiste no reconhecimento das diferentes necessidades dos grupos populacionais, suas características étnicas, raciais e culturais, entendendo suas representações dos processos saúde-enfermidade.

Considerando a singularidade do indivíduo quanto aos processos de adoecimento e de saúde -, a PNPIC corrobora para a integralidade da atenção à saúde, princípio este que requer também a interação das ações e serviços existentes no SUS. Estudos têm demonstrado que tais abordagens ampliam a corresponsabilidade dos indivíduos pela saúde, contribuindo para o aumento do exercício da cidadania. Nesse volume serão apresentadas pesquisas quantitativas, qualitativas e revisões bibliográficas sobre essa temática.

Elisa Miranda Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA TÉCNICA SHANTALA COMO ATIVIDADE COMPLEMENTAR NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA	
<i>Thais Aleixo da Silva</i>	
<i>Silvana Gomes Nunes Piva</i>	
<i>Jenifen Miranda Vilas Boas</i>	
<i>Vania Menezes de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915021	
CAPÍTULO 2	15
A PROMOÇÃO DA SAÚDE ATRAVÉS DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: REVISÃO DA LITERATURA	
<i>Mitlene Kaline Bernardo Batista</i>	
<i>Ana Sibebe de Carvalho Mendes</i>	
<i>Isabela Ferreira da Silva</i>	
<i>Marieta Zelinda de Almeida Freitas</i>	
<i>Rebeca Carvalho Arruda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915022	
CAPÍTULO 3	24
ANÁLISE DO POTENCIAL HEMOLÍTICO DOS EXTRATOS ORGÂNICOS DE <i>PITYROCARPA MONILIFORMIS</i>	
<i>Tamiris Alves Rocha</i>	
<i>Danielle Feijó de Moura</i>	
<i>Dayane de Melo Barros</i>	
<i>Maria Aparecida da Conceição de Lira</i>	
<i>Marllyn Marques da Silva</i>	
<i>Silvio Assis de Oliveira Ferreira</i>	
<i>Márcia Vanusa da Silva</i>	
<i>Maria Tereza dos Santos Correia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915023	
CAPÍTULO 4	32
CONTRIBUIÇÕES DA AURICULOTERAPIA COMO PRÁTICA INTEGRATIVA COMPLEMENTAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Terezinha Paes Barreto Trindade</i>	
<i>Aelson Mendes de Sousa</i>	
<i>Fabrcio de Azevedo Marinho</i>	
<i>Julyane Feitoza Coêlho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915024	
CAPÍTULO 5	41
CUIDADO AO CUIDADOR: REIKI NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE – RIO DE JANEIRO – RJ	
<i>Fernanda da Motta Afonso</i>	
<i>Renata Lameira Barros Mendes Salles</i>	
<i>Fatima Sueli Neto Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915025	

CAPÍTULO 6	51
EFEITO FISIOLÓGICO DA TÉCNICA DE IMPOSIÇÃO DE MÃOS ANÁLOGA AO TOQUE QUÂNTICO SOBRE O CRESCIMENTO INICIAL DE FEIJÃO	
<i>Ana Luisa Ballestero Kanashiro</i> <i>Anna Caroline Ribeiro Oliveira</i> <i>Isadora Rezende Mendonça</i> <i>Claudio Herbert Nina-e-Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915026	
CAPÍTULO 7	64
EFICÁCIA DA PROGESTERONA NATURAL NA PREVENÇÃO DO PARTO PRÉ-TERMO	
<i>Hugo Gonçalves Dias</i> <i>Pedro Henrique Alves Soares</i> <i>Cândida Maria Alves Soares</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915027	
CAPÍTULO 8	72
LASERTERAPIA NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DA MUCOSITE ORAL	
<i>Gustavo Dias Gomes da Silva</i> <i>Juliane Dias Gomes da Silva</i> <i>Priscyla Rocha de Brito Lira</i> <i>Rosa Maria Mariz de Melo Sales Marmhoud Coury</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915028	
CAPÍTULO 9	79
NOVA PROPOSIÇÃO A ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS: ODONTOPEDIATRIA	
<i>Anelise Crippa</i> <i>Tábata Isidoro</i> <i>Anamaria Gonçalves dos Santos Feijó</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915029	
CAPÍTULO 10	87
O USO DA AURICULOACUPUNTURA NO TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA	
<i>Gustavo Leite Camargos</i> <i>Alexandre Augusto Macêdo Corrêa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150210	
CAPÍTULO 11	104
USO DA TERAPIA FLORAL NA REDUÇÃO DOS SINTOMAS DAS MULHERES NO CLIMATÉRIO	
<i>Alexsandra Xavier do Nascimento</i> <i>Jéssica de Oliveira Agostini</i> <i>Felipe de Souza Silva</i> <i>Maria Benita da Silva Alves Spinelli</i> <i>Eliane Ribeiro Vasconcelos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150211	

CAPÍTULO 12 108

O USO DE FLORAIS DE BACH NO TRATAMENTO DA CHIKUNGUNYA: REVISÃO DE LITERATURA

Kelly Guedes da Silva
Ivanilde Miciele da Silva Santos
Roberta Adriana Oliveira Estevam
Willams Alves da Silva
Kristiana Cerqueira Mousinho
Gabriela Muniz de Albuquerque Melo
José Gildo da Silva
Camila Chaves dos Santos Novais

DOI 10.22533/at.ed.35019150212

CAPÍTULO 13 118

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO BENEFÍCIO NA MEDICINA TRADICIONAL, ASSOCIADO COM MEL DE ABELHA

Leonardo Silva Pontes
Marailze Pereira dos Santos
Cleomara Gomes de Souza
Maria Verônica Lins
Marcos Barros de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.35019150213

CAPÍTULO 14 123

OS MICRORGANISMOS ENDOFÍTICOS E SUAS DIVERSAS APLICAÇÕES BIOTECNOLÓGICAS

Igor Felipe Andrade Costa de Souza
Júlio César Gomes da Silva
Rosilma de Oliveira Araujo Melo
Evelyne Gomes Solidôno
Mayara Karine da Silva
Susane Cavalcanti Chang
Luana Cassandra Breitenbach Barroso Coelho

DOI 10.22533/at.ed.35019150214

CAPÍTULO 15 137

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE HORTA FITOTERÁPICA COMUNITÁRIA EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA EM JOÃO PESSOA

Pedro Henrique Leite de Araújo
Sarah Caetano Vieira
Realeza Thalyta Lacerda Farias
Rômulo Kunrath Pinto Silva
Juliana Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.35019150215

CAPÍTULO 16 143

USO DE ÓLEOS ESSENCIAIS NA PROTEÇÃO CONTRA O *Aedes Aegypti*: REVISÃO DE LITERATURA

Willams Alves da Silva
Pedro Henrique Wanderley Emiliano
Kelly Guedes da Silva
Gabriela Muniz de Albuquerque Melo
Camila Chaves dos Santos Novais
Ivanilde Miciele da Silva Santos
José Gildo da Silva
Roberta Adriana Oliveira Estevam
Kristiana Cerqueira Mousinho

DOI 10.22533/at.ed.35019150216

CAPÍTULO 17	150
USO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO TRATAMENTO DA DOR ONCOLÓGICA	
<i>Roberta Adriana Oliveira Estevam</i>	
<i>Kelly Guedes da Silva</i>	
<i>Willams Alves da Silva</i>	
<i>Camila Chaves dos Santos Novais</i>	
<i>Gabriela Muniz de Albuquerque Melo</i>	
<i>José Gildo da Silva</i>	
<i>Ivanilde Miciele da Silva Santos</i>	
<i>Kristiana Cerqueira Mousinho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150217	
CAPÍTULO 18	161
SUPLEMENTAÇÃO DA MELATONINA COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA PARA INSÔNIA	
<i>Andrey de Araujo Dantas</i>	
<i>Raphael Brito Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150218	
CAPÍTULO 19	165
ECOLOGIA DE SI: CAMINHO DE CONSCIÊNCIA DO SER COMO EXPRESSÃO DA NATUREZA	
<i>Priscylla Lins Leal</i>	
<i>Dante Augusto Galeffi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150219	
CAPÍTULO 20	174
UNINDO E COMPARTILHANDO: O MATRICIAMENTO PELA ESF COMO FACILITADOR DO ACESSO AS PICS. RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Túlio César Vieira de Araújo</i>	
<i>Mariana Carla Batista Santos</i>	
<i>Marize Barros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150220	
SOBRE A ORGANIZADORA	180

USO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO TRATAMENTO DA DOR ONCOLÓGICA

Roberta Adriana Oliveira Estevam

Centro Universitário CESMAC

Maceió – Alagoas

Kelly Guedes da Silva

Universidade Maurício de Nassau

Maceió – Alagoas

Willams Alves da Silva

Centro Universitário CESMAC

Maceió – Alagoas

Camila Chaves dos Santos Novais

Centro Universitário CESMAC

Maceió – Alagoas

Gabriela Muniz de Albuquerque Melo

Centro Universitário CESMAC

Maceió – Alagoas

José Gildo da Silva

Centro Universitário CESMAC

Maceió – Alagoas

Ivanilde Miciele da Silva Santos

Centro Universitário CESMAC

Maceió – Alagoas

Kristiana Cerqueira Mousinho

Centro Universitário CESMAC

Maceió - Alagoas

bem mais difícil de ser tratada pela presença da compressão tumoral progressiva. Com isso, as práticas integrativas surgem como alternativa para auxiliar no tratamento da dor oncológica tendo como objetivo diminuir ou cessar as dores e o sofrimento ocasionado, aumentando a qualidade de vida dos pacientes. A revisão teve como objetivo conhecer o papel das práticas integrativas e complementares no tratamento da dor oncológica. Para realização do estudo foi feito o levantamento bibliográfico acerca do tema, através das principais bases de dados: *National Center for Biotechnology Information/U.S. National Library of Medicine* (PubMed); *Scientific Electronic Library* (SciELO); *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS); *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* (BDTD) e *Ministério da Saúde*, entre os anos de 2011 à 2018. Dentre essas Práticas Integrativas e Complementares (PIC) estão a acupuntura, fitoterapia, homeopatia, aromaterapia e florais de Bach. Estudos mostraram a importância de medidas não farmacológicas no auxílio ao tratamento da dor oncológica, embora ainda necessite de uma melhor percepção dos pacientes sobre o uso dessas terapias. Essas práticas colaboram ainda na redução do uso de medicamentos e melhoria na qualidade de vida dos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Dor oncológica;

RESUMO: A dor é uma das queixas mais comuns em pacientes oncológicos e está diretamente associada à questão emocional e os incômodos causados pela rotina terapêutica. Sabe-se que a dor relacionada ao câncer é

ABSTRACT: Pain is one of the most common complaints in cancer patients and is directly associated with the emotional issue and the discomfort caused by routine therapy. It is known that cancer-related pain is much more difficult to treat due to the presence of progressive tumor compression. With this, the integrative practices appear as an alternative to assist in the treatment of cancer pain, aiming at reducing or quitting the pain and suffering caused, increasing the quality of life of the patients. The aim of the study was to understand the role of integrative and complementary practices in the treatment of cancer pain. For the accomplishment of the study, a bibliographical survey about the subject was made, through the main data bases: *National Center for Biotechnology Information/U.S. National Library of Medicine* (PubMed); *Scientific Electronic Library* (SciELO); *Latin American and Caribbean Health Sciences Literature* (LILACS); *Digital Library of Theses and Dissertations* (BDTD) and health ministry, between the years 2011 and 2018. Among these Integrative and Complementary Practices (PIC) are acupuncture, phytotherapy, homeopathy, aromatherapy and Bach flowers remedy. Studies have shown the importance of non-pharmacological measures in aiding the treatment of cancer pain, although it still needs a better perception of the patients on the use of these therapies. These practices also collaborate in reducing the use of medicines and improving the patients' life quality.

KEYWORDS: Cancer pain; Pain treatment; Integrative and complementary practice.

1 | INTRODUÇÃO

Em seu estado normal, o organismo possui genes responsáveis pelo controle da divisão celular de uma maneira ordenada e fisiológica, no qual, células normais têm a capacidade de crescer, se multiplicar e morrer. O que não ocorre em células cancerosas, que perdem o controle de seu crescimento e passam a invadir órgãos e tecidos de forma rápida e agressiva (BRASILEIRO FILHO; PEREIRA; GUIMARÃES, 2013). Esse fenômeno denomina-se de carcinogênese, que pode se iniciar devido a predisposição genética do indivíduo ou pode ser provocada por fatores químicos, físicos ou biológicos, onde em ambas as situações ocorre a indução de alterações mutagênicas nas células (COFEN, 2015). Sendo assim, o câncer uma doença multifatorial, estabelecendo a formação de tumores ou neoplasias malignas podendo migrar para outras regiões do corpo, metastizando, além da possibilidade de resistência tumoral ao tratamento e alta incidência de morte (INCA, 2011).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2017), a estimativa para o Brasil é de 600 mil novos casos de câncer para cada ano de 2018 e 2019. Está previsto 68 mil novos casos de câncer de próstata e 60 mil de câncer de mama, em que com exceção do câncer de pele não melanoma, os tipos com maior incidência em homens, após o câncer de próstata, serão, pulmão representando 8,7% de novos casos, intestino

(8,1%), estômago (6,3%) e cavidade oral (5,2%). Enquanto que nas mulheres, seguido do câncer de mama, observa-se prevalência o de intestino (9,4%), colo do útero (8,1%), pulmão (6,2%) e tireoide (4%).

Estima-se que a dor produzida pelo câncer ocorre entre 50 a 70% dos pacientes. Muitos deles já apresentam a queixa no início do tratamento, podendo aumentar nos casos mais avançados (FARIAS *et al.*, 2010)

A dor pode ser classificada como aguda, que tem como característica a duração abaixo de 30 dias, ou crônica, com duração acima de 30 dias. E pode ser caracterizada como uma percepção ou experiência emocional desagradável, sendo integrada a lesão tecidual real ou potencial. A dor também pode ser classificada de acordo com seu mecanismo fisiopatológico; Dor nociceptiva, que é aquela acometida por ativação fisiológica dos receptores da dor e está associada a lesões musculares, ósseas ou de ligamentos, onde podem comumente ser tratada por anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) ou analgésicos (COFEN, 2015). Dor neuropática, conceituada por lesão ou alteração do sistema nervoso, sendo melhor abrangida como decorrência da ativação atípica da via da dor. Ao contrário da primeira, a neuropática não corresponde bem ao tratamento com AINES e analgésicos comuns, sendo normalmente utilizados opioides, antidepressivos, antipsicóticos, ansiolíticos e anticonvulsivantes. Na prática, o tipo de dor mais observado é o misto, onde acomete tanto a nociceptiva quanto a neuropática, e a dor oncológica, na maioria das vezes, pode ser observada como esse tipo (BRASIL, 2012; WIERMAN *et al.*, 2014).

Com relação a dor oncológica, requer uma atenção mais abrangente devido a sua origem ser acometida por múltiplos fatores e necessitar de uma intervenção mais ampla, objetivando maior conforto e melhor capacidade de execução de tarefas diárias do indivíduo (WIERMAN *et al.*, 2014).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que o tratamento dever ser iniciado de acordo com a escada analgésica preconizada, quantificar e conhecer a intensidade da dor do indivíduo, quando este sintoma é subjetivo, não é uma tarefa precisa, portanto, é aconselhável utilizar escalas comparativas verbais e visuais para mensurar este sintoma, e que os profissionais padronizem estes recursos para que possam serem melhor observadas e interpretadas. Onde em dor de nível moderado, que pode ser classificada entre 4 a 6, numa escala de 0 a 10, são utilizados opioides fracos como o tramadol e a codeína. Com relação a pacientes com queixa de dor intensa, classificação entre 7 a 10, a terapia utiliza opioides fortes com adjuvantes, AINES e outras intervenções (BRASIL, 2001; WIERMAN *et al.*, 2014).

A dor oncológica aguda está diretamente ligada a processos relacionados a lesão tecidual, devido a cirurgias ou inflamações decorrentes, conforme a evolução da doença, enquanto a dor crônica é caracterizada pelo crescimento do tumor. Os efeitos adversos causados pelo próprio tratamento e as ocorrências relacionadas a progressão da doença, como dor e náuseas, tem causado impactos no conforto do paciente, limitando suas capacidades, podendo levar a aumento da ansiedade e

depressão (COSTA; CHAVES, 2012; PEREIRA *et al.*, 2015).

Objetivando a qualidade de vida do paciente oncológico, a assistência deve, sempre que possível, visar o tratamento da dor de maneira preventiva, identificando e estimulando estratégias efetivas para diminuir as sensações causadas por esse processo (ROCHA *et al.*, 2015).

As terapias complementares têm ganhado destaque no tratamento da dor do câncer, devido sua resposta positiva a respeito do estresse e sofrimento, como também sobre os efeitos adversos causados pelo tratamento da doença, tendo melhor aceitação por parte do paciente (COSTA; REIS, 2014).

Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo conhecer o papel das práticas integrativas e complementares no tratamento da dor oncológica.

2 | METODOLOGIA

Estudo de revisão de literatura, por meio de acesso *online*, onde os resumos disponíveis foram lidos e avaliados. As produções que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos foram selecionadas para este estudo.

Os critérios de inclusão definidos para pesquisa foram: artigos originais e de revisão publicados na íntegra, nos idiomas português e inglês, publicados no período de 2007 a 2018, com exceção de um referencial do ministério da saúde datado de 2001, e que retratassem o tema abordado nesta revisão. Não houve restrição quanto ao desenho do estudo. Foram utilizados os seguintes descritores, palavras-chave e suas combinações nas línguas portuguesa e inglesa: Dor oncológica, tratamento da dor, tratamento do câncer, práticas integrativas e complementares, cancer pain, pain treatment, complementary and intregative practices.

Para o levantamento dos artigos científicos foram utilizadas as seguintes bases de dados: *National Center for Biotechnology Information/U.S. National Library of Medicine* (PubMed); *Scietic Eletronic Library* (SciELO); *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS); *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* (BDTD) e *Ministério da Saúde*.

3 | REVISÃO DE LITERATURA

A estimativa da OMS é de que o número de pessoas com câncer irá dobrar até 2030. A alta prevalência de pacientes com dor relacionada ao câncer, 25 a 30% no início do diagnóstico e 70 a 90% na doença avançada que varia de moderada a intensa, enfrenta algumas dificuldades para serem identificadas e tratadas corretamente, isso se dá, algumas vezes, devido a crença do paciente de que a presença de dor indique que a doença está progredindo e que irá tirar o foco do médico a respeito do

tratamento, ou profissionais não fazerem uma avaliação correta da dor em si e de seu tratamento. Porém, programas educativos têm sido implantados visando abordar terapias farmacológicas e não farmacológicas para o tratamento da dor oncológica (RANGEL; TELLES, 2012).

4 | PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES

A Portaria GM/MS N° 971 de maio de 2006 aprovou, por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), a implementação de práticas como a acupuntura (Medicina Tradicional Chinesa- MTC), homeopatia e fitoterapia. Através da Portaria GM N° 849/2017, foram incluídas mais 14 práticas, entre elas, a musicoterapia, arteterapia, meditação e yoga. Em março de 2018, a Portaria n° 702, incluiu 14 outras práticas nos serviços de saúde pública do país, como a aromaterapia, cromoterapia e terapia de florais.

As práticas integrativas e complementares (PIC's) incluem sistemas que procuram impulsionar mecanismos naturais de prevenção e recuperação da saúde, por meio de técnicas seguras e desenvolvendo um vínculo terapêutico, compreendendo uma visão adequada sobre o processo saúde-doença (BRASIL, 2015), proporcionando amplas possibilidades terapêuticas e cuidados, assegurando maior integralidade a atenção à saúde (BRASIL, 2018).

As PIC's têm ganhado cada vez mais destaque como terapia complementar no auxílio de tratamentos de diversas patologias, entre elas o câncer, como por exemplo, contribuindo para a melhoria das reações adversas causadas pelo tratamento do câncer, diminuindo o consumo de medicamentos (COSTA *et al.*, 2017; SILVA; TESSER, 2013).

As técnicas mais usadas no auxílio ao tratamento da dor oncológica são: Acupuntura, Fitoterapia, Homeopatia, Aromaterapia e Florais de Bach.

ACUPUNTURA

A acupuntura consiste em estímulos de fibras nervosas através de inserções de agulhas estéreis em pontos específicos do corpo, iniciando os potenciais de ação, tal estímulo pode ser acompanhado de uma leve corrente elétrica ou pode ser feito manualmente (GARCIA *et al.*, 2013; WHITE; CUMMINGS; FILSHIE, 2013). Através do potencial de ação, que consiste na resposta do nervo ao estímulo, diversas substâncias são liberadas, dentre elas os peptídeos opioides endógenos, como encefalinas, endorfinas e dinorfinas, os corticosteroides endógenos também são liberados mediante a estimulação, causando dilatação dos vasos sanguíneos locais, o que aumenta o fluxo sanguíneo, também passam em direção até o segmento particular na medula espinhal, onde deprimem a atividade do corno dorsal, principal mecanismo da acupuntura para alívio da dor (WHITE; CUMMINGS; FILSHIE, 2013).

Muitos pacientes procuram a acupuntura para o tratamento da dor, porém, o acupunturista deve sempre considerar outras queixas relatadas, pela terapia também apresentar efeitos calmantes e melhora no bem-estar do indivíduo, além de atuar na redução de náuseas, queixas importantes em pacientes oncológicos (SILVA; TESSER, 2013; WHITE; CUMMINGS; FILSHIE, 2013).

FITOTERAPIA

Com relação a fitoterapia, o arsenal terapêutico é muito grande, o uso de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos é uma das formas mais antigas utilizadas para o tratamento, prevenção e cura de diversas doenças e tem despertado interesse em pacientes oncológicos, porém, a orientação de uso adequada é de grande importância pois pode diminuir a possibilidade de reações adversas indesejáveis e a ocorrência de interações medicamentosas com o tratamento convencional (CAETANO, 2016).

Devido a ampla diversidade de plantas utilizadas para fins terapêuticos, é necessária cautela quanto a sua utilização, oferecendo uma melhor disposição do conhecimento sobre os efeitos e orientação sobre o risco de intoxicação, tornando importante a relação entre profissionais de saúde e o paciente, para exposição de dados científicos comprovados (ARGENTA *et al.*, 2011).

Entre os fitoterápicos que podem ser utilizados por pacientes oncológicos está a *Aloe vera* que possui efetividade em inflamações cutâneas causadas pelo tratamento com radioterapia, onde investigações clínicas indicam que a cicatrização ocorre por estímulo de macrófagos e fibroblastos, a *Calendula officinalis* também possui efetividade em lesões oncológicas porém não é recomendado para uso pediátrico, a *Matricaria recutita* possui efetividade na inibição da produção de prostaglandina E₂, que é um mediador da inflamação. Todas essas plantas podem ser utilizadas em preparações de uso tópico e devido às ações anti-inflamatórias e cicatrizantes trazem alívio a dor, onde as contraindicações são para pacientes alérgico ou sensíveis a tais plantas. Um outro exemplo é o *Hypericum perforatum* que possui atividade antidepressiva, por atuar como inibidor da recaptação da serotonina, uma das condições que pode acometer o paciente oncológico em sofrimento devido a dor, porém seu uso é contraindicado por apresentar reações adversas como alergias, tonturas e problemas gastrointestinais e por apresentar poucas evidências a respeito de interações planta-medicamento, o que pode agravar os problemas pré-existentes nesses indivíduos (TEIXEIRA, 2014).

HOMEOPATIA

A homeopatia consiste em outra prática complementar para auxílio no tratamento, onde tem como princípio “a cura pela similitude”, originando uma relação única entre médico e paciente, devido a necessidade de ser analisado caso a caso, promovendo uma terapia individualizada. Em um estudo no Rio Grande do Sul,

pacientes oncológicos relataram que seu uso tem melhorado a sensação de bem-estar, refletindo significativamente na qualidade de vida, devido ao homeopata não se limitar a patologia e sim conhecer a experiência de cada um em relação a doença (LIMA *et al.*, 2015).

As preparações homeopáticas possuem bastante contribuição na melhora da qualidade de vida de pacientes oncológicos, auxiliando no tratamento de dores e outras condições pelas quais esses pacientes são acometidos durante o tratamento, formulações contendo *Alumina* que ajuda em constipações por inércia retal e dor ao evacuar; *Anacardium orientale* que contribui para o alívio da dor causada por úlceras gastroduodenais; *Apis mellifica* que tem papel nas inflamações agudas da pele e/ou mucosas assim como em dores intensas; *Arnica montana* em feridas cirúrgicas e outro exemplo é a *Belladonna* que auxilia na febre alta, processo inflamatórios e dores pulsáteis (ANVISA, 2017)

AROMATERAPIA

A aromaterapia consiste na utilização de óleos essenciais derivados de vários tipos de plantas com propriedades terapêuticas conhecidas e vários métodos de aplicação. Esta terapia é recomendada para auxiliar pacientes a lidar com dores crônicas, náuseas, estresse e depressão (BOEHM; BUSSING; OSTERMAN, 2012). Um estudo na Ásia utilizou a aromaterapia associada a técnicas de massagem em pacientes com câncer submetidos a quimioterapia, onde foram observados efeitos benéficos imunológicos, além de auxiliar na dor e fadiga (KHIEWKHERN *et al.*, 2013).

FLORAIS DE BACH

Os florais de Bach é uma outra terapia complementar que visa a qualidade de vida, o equilíbrio e o autoconhecimento do indivíduo podendo ser associada aos medicamentos alopáticos (BOTELHO; SORATTO, 2012; DANIEL *et al.*, 2013).

A terapia Floral é conduzida através da escuta das queixas do paciente e história de vida. A dor mexe com as emoções do paciente e frequentemente observa-se a sensação de medo, insegurança, desespero. É nesse contexto que os Florais podem auxiliar no tratamento da dor oncológica, analisa-se qual a emoção que predomina e que incomoda. Essências florais como: Crab Apple, Impatiens, Gorse, Holly, Rock Rose, Star of Bethlehem, White Chestnut e Vervain podem ser usadas (NASCIMENTO *et al.*, 2017).

Estudos realizados em Santa Catarina utilizaram os florais para o tratamento do estresse, onde foram observados redução significativa dos níveis de estresse na maioria dos participantes (BOTELHO; SORATTO, 2012; DANIEL *et al.*, 2013).

Outro estudo analisou o efeito dos florais para tratamento da ansiedade, onde os participantes responderam a um questionário antes do início da terapia para avaliar

os níveis de ansiedade de cada indivíduo, onde foi observado melhora em 80% das pessoas que utilizaram os florais e relataram que mesmo em situações de estresse, conseguiram manter a calma e concentração (SALLES; SILVA, 2012).

As essências florais agem de forma sutil, tratando as questões do bem-estar emocional, do desenvolvimento da alma e conseqüentemente da saúde do corpo. São preparadas a partir da flor, parte mais nobre de uma planta. A essência floral possui qualidade específica atuando numa dimensão não física e nem material, porém na energética. Por isso, a Terapia Floral pode auxiliar na melhoria de todas as doenças, principalmente no tratamento da dor (FERREIRA, 2007).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos mostraram a importância de medidas não farmacológicas no auxílio ao tratamento da dor oncológica, embora ainda necessite de uma melhor percepção dos pacientes sobre o uso dessas terapias. As práticas integrativas e complementares ainda colaboram na redução de medicamentos, visam o bem-estar do indivíduo, não só auxiliando no tratamento da dor acometida pelo câncer, mas também ajudando em situações de estresse e ansiedade que afetam essas pessoas e intensificam a percepção da dor.

Por ser multifatorial e subjetiva, a dor se apresenta de forma diversa e é por esse motivo que se torna complexo seu controle. Mesmo com o arsenal terapêutico existente o controle da dor oncológica ainda é um desafio, portanto o uso das Terapias Complementares e Integrativas passa ser uma opção importante no controle da dor.

REFERÊNCIAS

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário Homeopático**: Farmacopeia Brasileira. 1ª Ed. Brasília: Anvisa, 2017. Disponível em: < <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/3653739/Form+atual+data+de+publica%C3%A7%C3%A3o/10ab986a-0ad8-4743-8a5b-a3aa6fd8b567> > Acesso em: 18 Set 2018.

ARGENTA, S.C. *et al.* Plantas medicinais: cultura popular *versus* ciência. **Rev Eletrônica de extensão da URI**, v. 10, n. 12, p. 51 – 60, maio 2011. Disponível em: < http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_012/artigos/artigos_vivencias_12/n12_05.pdf > Acesso em: 08 Set 2018.

BOEHM, K.; BÜSSING, A.; OSTERMANN, T. Aromatherapy as an adjuvant treatment in cancer care: a descriptive systematic review. **African Journal of traditional, complementary and alternative medicines**, v. 9, n. 4, p. 503 – 518, Jul 2012. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3746639/#> > Acesso em: 10 Set 2018.

BOTELHO, S.H.; SORATTO, M.T. A terapia floral no controle do estresse do professor enfermeiro. **Saúde Rev**, v. 12, n. 31, p. 31 – 42, maio – ago 2012. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/sr/article/download/1055/934>. > Acesso em: 10 Set 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 1083, de 02 de outubro de 2012. Aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Dor Crônica. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: < <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/abril/02/pcdt-dor-cronica-2012>. >

pdf > Acesso em: 07 Set 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria N° 971, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html > Acesso em: 07 Set 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria N° 849, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html > Acesso em: 07 Set 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria N° 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação n° 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2018/prt0702_22_03_2018.html > Acesso em: 07 Set 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **Cuidados paliativos oncológicos: controle da dor**. Rio de Janeiro: INCA, 2001. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/manual_dor.pdf > Acesso em: 08 Set 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. 2ª edição. Brasília, 2015. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf > Acesso em: 09 Set 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS**. Brasília, 2018. Disponível em: < http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf > Acesso em: 09 Set 2018.

BRASILEIRO FILHO, G.; PEREIRA, F.E.L.; GUIMARÃES, R.C. Alterações da proliferação e da diferenciação celulares. In: BRASILEIRO FILHO, G. (Editor). **Bogliolo: patologia geral**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 233 – 283.

CAETANO, N.L.B. **Uso de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos por pacientes em tratamento antineoplásico: possíveis interações**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2016. Disponível em: < <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/3789> > Acesso em: 06 Set 2018.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Fisiopatologia do câncer**. Brasília, 2015. Disponível em: < <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2015/03/cap2-fisiopatologia-do-cancer.pdf> > Acesso em: 08 Set 2018.

COSTA, A. C. *et al.* A acupuntura no apoio ao tratamento quimioterápico: uma revisão integrativa. *Rev interd, Teresina*, v. 10, n. 2, p. 180 – 191, abr – jun 2017. Disponível em: < <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1065> > Acesso em: 06 Set 2018.

COSTA, A.I.S.; CHAVES, M.D. Dor em pacientes oncológicos sob tratamento quimioterápico. *Rev Dor, São Paulo*, v. 13, n. 1, jan – mar 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rdor/v13n1/a08v13n1.pdf> > Acesso: 09 Set 2018.

COSTA, A.I.S.; REIS, P.E.D. Técnicas complementares para o controle de sintomas oncológicos. *Rev Dor, São Paulo*, v. 15, n. 1, jan – mar 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rdor/v15n1/1806->

0013-rdor-15-01-0061.pdf > Acesso em: 09 Set 2018.

DANIEL, M.A.I. *et al.* A terapia floral no controle do estresse ocupacional. *Rev Saúde.com*, v. 9, n. 1, p. 33 – 43, 2013. Disponível em: < <http://www.uesb.br/revista/rsc/ojs/index.php/rsc/article/view/286/212> > Acesso em: 12 Set 2018.

FARIAS, G.M. *et al.* Publicações sobre dor oncológica no período de 2000 a 2008: estudo de revisão sistemática de literatura. *Rev Enfermagem UFPE online*, Recife, v. 4, n. 1, p. 364 – 370, 2010. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5871> > Acesso em: 17 Set 2018.

FERREIRA, M.Z.J. Essências florais: medida da sua influência na vitalidade em seres vivos. 2007. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7139/tde-20042007-134835/pt-br.php> > Acesso em: 19 Set 2018.

GARCIA, M.K. *et al.* Systematic review of acupuncture in cancer care: a synthesis of the evidence. *Journal of Clinical Oncology*, v. 31, n. 7, Mar 2013. Disponível em: < http://ascopubs.org/doi/abs/10.1200/JCO.2012.43.5818?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%3dpubmed > Acesso em: 11 Set 2018.

INCA. Instituto Nacional de Câncer. Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2017. Disponível em: < <http://www.inca.gov.br/estimativa/2018/estimativa-2018.pdf> > Acesso em: 07 Set 2018.

INCA. Instituto Nacional de Câncer. ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer. 2ª Ed. Rio de Janeiro: INCA, 2011. Disponível em: < http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc_do_cancer_2ed.pdf > Acesso em: 06 Set 2018.

KHIEWKHERN, S. *et al.* Effectiveness of aromatherapy with light Thai massage for cellular immunity improvement in colorectal cancer patients receiving chemotherapy. *Asian Pacific Journal of Cancer Prevention*, v. 14, n. 6, p. 3903 – 3907, Jun 2013. Disponível em: < <http://journal.waocp.org/?sid=Entrez:PubMed&id=pmid:23886205&key=2013.14.6.3903> > Acesso em: 11 Set 2018.

LIMA, J.F. *et al.* Uso de terapias integrativas e complementares por pacientes em quimioterapia. *Av Enferm*, Bogotá, v. 33, n. 3, p. 372 – 380, Set – Dez 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v33n3.53363> > Acesso em: 05 Set 2018.

NASCIMENTO, V.F. *et al.* Utilização de florais de Bach na psicoterapia holística. *Rev Saúde.com*, v. 13, n. 1, p. 770 – 778, 2017. Disponível em: < <http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/451> > Acesso em: 17 Set 2018.

PEREIRA, R.D.M. *et al.* Práticas integrativas e complementares de saúde: revisão integrativa sobre medidas não farmacológicas à dor oncológica. *Rev Enfermagem UFPE online*, Recife, v. 29, n. 2, p. 710 – 717, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10391> > Acesso em: 06 Set 2018.

RANGEL, O.; TELLES, C.T. Tratamento da dor oncológica em cuidados paliativos. *Rev Hospital Universitário Pedro Ernesto*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Abr – Jun 2012. Disponível em: < http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=324 > Acesso em: 07 Set 2018.

ROCHA, A.F.P. *et al.* O alívio da dor oncológica: estratégias contadas por adolescentes com câncer. *Texto & Contexto Enfermagem*, Santa Catarina, v. 24, n. 1, p. 96 – 104, Jan – Mar 2015. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71438421012> > Acesso em: 08 Set 2018.

SALLES, L.F.; SILVA, M.J.P. Efeito das essências florais em indivíduos ansiosos. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 238 – 242, 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000200013> > Acesso em: 13 Set 2018.

SILVA, E.D.C.; TESSER, C.D. Experiência de pacientes com acupuntura no Sistema Único de Saúde em diferentes ambientes de cuidado e (des)medicalização social. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 11, p. 2186 – 2196, Nov 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00159612> > Acesso em: 07 Set 2018.

TEIXEIRA, M.L.F. **Potencialidades e limitações da fitoterapia no doente oncológico**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Faculdade de Farmácia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10316/79805> > Acesso em: 17 Set 2018.

WHITE, A.; CUMMINGS, M.; FILSHIE, J. Introdução à acupuntura médica ocidental. Tradução de C. S. Garrido. São Paulo: Roca, 2013.

WIERNAN, E.G. *et al.* Consenso brasileiro sobre o manejo da dor relacionada ao câncer. *Brasilian Journal of Clinical Oncology*, v. 10, n. 38, p. 132 – 143, Out – Dez 2014. Disponível em: < <https://www.sbec.org.br/sbec-site/revista-sbec/pdfs/38/artigo2.pdf> > Acesso em: 10 Set 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-135-0

